

RIFIOTIS, Theophilos; SEGATA, Jean (Orgs.). *Políticas etnográficas do campo da moral.* **Porto Alegre: Editora UFRGS, 2018.**

Ícaro Yure Freire de Andrade¹

Recebido em: 15/02/2020

Aceito em: 20/04/2020

Didier Fassin (2018) demonstra como a questão da produção moral e ética vem tomando cada vez mais espaço no campo das ciências sociais. A sua centralidade, segundo este autor, não se dá apenas pelo início de uma época eticamente consciente, mas sim da reestruturação das relações sociais, certas particularidades históricas e a centralidade que o campo da moralidade vem tomando tanto como elemento coercitivo quanto como ferramenta na luta cotidiana por reconhecimentos mínimos na esfera pública.

A questão moral para Fassin (2018) seria configurada pela sobreposição de duas dimensões no espaço: 1) uma configuração histórica onde haveria uma multiplicação de preocupações e expectativas que envolvem a ética e a moral e; 2) uma banalização das palavras, imagens e práticas.

É exatamente nesta questão moral, cada vez mais urgente para as ciências sociais, que o livro “Políticas etnográficas no campo da moral” (2019), organizado por Theophilos Rifiotis e Jean Segata, se concentra. O livro tem como objetivo divulgar o que vem sendo produzido nos estudos etnográficos da moral e também demonstrar a pluralidade de perspectivas que abarcam este tema.

Desde 2016, Theophilos Rifiotis e Jean Segata vêm desen-

1. Doutorando em Sociologia pelo PPGS/UFPB. Membro do GRESP/UFPB (Grupo de estudos em Sociologia política) atuando na linha de pesquisa Emancipação, utopias e novas virtudes. E-mail: icaroyuresocio@gmail.com

volvendo em conjunto com a ABA (Associação Brasileira de Antropologia) um grande trabalho de divulgação científica no campo etnográfico, tendo sido lançados anteriormente por eles “*Políticas etnográficas no campo da ciência e das tecnologias da vida*” (2016) e “*Políticas etnográficas no campo da cibercultura*” (2018).

O livro é composto por oito capítulos e uma apresentação feita pelos organizadores do volume. Com exceção dos dois capítulos escritos por um mesmo autor, Didier Fassin, os capítulos restantes correspondem a pesquisas etnográficas de nove pesquisadores diferentes onde nos são apresentados oito objetos distintos em suas abordagens metodológicas mas que pertencem ao campo etnográfico com ênfase na pesquisa sobre a moral e seus conteúdos e descontentes e da relação da moralidade com as emoções.

“*Políticas etnográficas do campo da moral*” pode ser dividido em dois momentos que não são distintos, mas complementares, e que facilitam a compreensão do que é apresentado no transcórre da obra. O primeiro momento foca nas discussões teóricas a respeito do fazer etnográfico e das possibilidades de compreensão dos valores enquanto objetos etnográficos. O segundo momento seria composto por abordagens mais práticas, onde o fazer etnográfico no campo é o elemento principal. Antes que passemos à classificação dos capítulos dentro desses dois momentos, torna-se necessário esclarecer que esses momentos não se apresentam de forma mecânica, isto é, nem sempre o capítulo com foco em teoria vem seguido de um do mesmo foco. Eles se misturam no transcórre do livro, desafiando, indiretamente, o leitor a relacioná-los entre si.

Os capítulos “*Antropologia e moralidade: etnicidade e as possibilidades de uma ética planetária*” (Capítulo I) de Roberto Cardoso de Oliveira – capítulo publicado em memória ao autor e que é uma republicação - e “*Da moralidade à eticidade via*

questões de legitimidade e equidade” (Capítulo II) de Luís Roberto Cardoso de Oliveira trazem os debates acerca das possibilidades de compreensão dos problemas próprios ao campo da ética e das formas como essa se apresenta em certos contextos sociais a partir de uma visão que toma a ética discursiva habermasiana como perspectiva teórica e metodológica que compõe as apresentações e argumentações acerca de seus problemas expostos. É possível uma ética planetária? Um universalismo ético ou um relativismo que não influí diretamente nas práticas étnicas de outros povos? Quais os limites da ética discursiva para se pensar as relações morais em culturas distintas? São todos questionamentos que a leitura nos direciona nestes capítulos.

“Além do bem e do mal? Questionando o desconforto antropológico com a moral” (Capítulo III) de Didier Fassin, *“Elementos para uma sociologia da vitimização”* (Capítulo V) de Yannick Barthe e *“As economias morais revisitadas”* (Capítulo IV) de Didier Fassin trazem discussões referentes à relação tanto da etnografia e das ciências sociais mais gerais com o objeto da moral quanto acerca das limitações de compreensão que são consequência desse mal-estar gerado pelo estranhamento próprio ao elemento moral tomado como peça de pesquisa. Os dois capítulos de Didier Fassin exploram esse “engodo” que a moral se tornou para as ciências sociais, assim como apontam que por mais que este conjunto de ciências recorrentemente cobre o uso desses valores morais como seus objetos próprios desde sua concepção, as mesmas possuem uma tendência a generalização e esvaziamento de todas as potenciais problematizadores que são intrínsecos ao mundo moral – tanto na experiência individual como na experiência coletiva. Já o capítulo escrito por Yannick Barthe traz um sério questionamento sobre a relação entre vítimas e vitimizadores e na anulação direta

ou indiretamente da vítima como ente capaz de se perceber enquanto tal, portadora de uma reflexividade situacional assim como na tentativa de articulação entre agência e estrutura sem se perder em uma experiência puramente fenomênica ou uma relação puramente estrutural – para o autor, é necessário que se haja uma síntese entre essas duas dimensões para uma melhor compreensão de como o objeto analisado se estrutura, se produz e reproduz.

Já os capítulos mais práticos centram-se nos artigos de Cláudia Fonseca, Debora Diniz, Luciana Brito, Ceres Victoria e Monalisa Dias Siqueira. Em *“Sofrimento situado: memória, dor e ironia”* (Capítulo VI), Cláudia Fonseca demonstra os perigos da literalidade de algumas leituras etnográficas referentes a discursos e memória. Para a antropóloga, os depoimentos não devem ser tomados como uma *mimeses* da realidade e é na ironia dos relatos presente nos depoimentos coletados que é possível perceber um “espaço de manobra do sujeito” e a articulação entre política e sentimentos.

Tanto *“Uma epidemia sem fim: zika e mulheres”* (Capítulo VII) como *“A maior tragédia em 50 anos”: moral e emoções na transformação dos sentidos do incêndio da boate Kiss”* (Capítulo VIII), Débora Diniz, Luciana Brito, Ceres Victora e Monalisa Dias de Siqueira demonstram a partir de depoimentos e de idas ao campo as formas de mobilização que utilizam os sentimentos e a moral na construção tanto das relações sociais como na própria construção do self individual dos sujeitos envolvidos nas mesmas. Nestes dois capítulos os elementos morais são apresentados enquanto formas de coação e controle como também como ferramentas de mobilização que conseqüentemente evidenciam o caráter político desses valores cobrados e defendidos em disputas.

“Políticas etnográficas no campo da moral” se mostra um livro importante para aqueles que se interessam pela moral e seus

desdobramentos enquanto objeto de pesquisa pela pluralidade de perspectivas metodológicas e epistemológicas sobre o objeto da moral. Também possui como ponto positivo a diversidade de abordagens, isto é, a pluralidade de possibilidades de leitura dos elementos morais. Ao mesmo tempo em que retoma a discussão sobre teoria e prática e demonstra a partir dos trabalhos expostos que somente uma síntese entre ambas é capaz de abarcar as dinâmicas e contradições próprios aos valores sociais. A atualidade dos textos apresentados no livro reforça que os estudos morais avançam como campo de estudo, discussão e reflexão nas ciências sociais.

O livro também torna-se bastante relevante para o campo mais amplo das ciências sociais - e mais especificamente para os pesquisadores/as que se debruçam sobre o objeto da moral/moralidade – por apresentar o que vem sendo produzido de mais recente nesta área, que é ampla, tanto internacionalmente como nacionalmente. Se apresenta não somente como uma obra introdutória aos estudos etnográficos da moral, mas enquanto obra crítica pela sua diversidade de maneiras e formas de abordagens apresentadas. Apesar dessas várias possibilidades de análise de um mesmo objeto – que se apresenta de várias formas – existe uma unanimidade apresentada por todos os autores que compõem este livro: é a da localização do objeto da moralidade enquanto envolto em disputas políticas, sociais e econômicas, isto é, a moral/moralidade não se apresenta apenas como uma forma de horizonte praxiológico mas enquanto um lugar de embates sobre as determinações dos elementos que guiarão esses horizontes da ação dos sujeitos envolvidos nessas disputas.

Referências Bibliográficas:

Fassin, Didier; Lézé, Samuel (Orgs). **A questão moral**. São Paulo: Editora Unicamp, 2018.